

Atualização científica

Esta seção se destina à apresentação de resumos e comentários de artigos científicos recentes.

Existem boas razões para se temer a biotecnociência?

Schramm FR

Rev Bioethikos. 2010;4(2):189-97

Nesse artigo, Fermin Roland Schramm procura apresentar argumentos favoráveis e contrários ao uso das biotecnociências, por meio da análise bioética da moralidade dessas. Busca verificar se o paradigma biotecnocientífico é necessário ou não em conformidade ao contexto, assim como a maneira em que deveria ser aplicado, quem deveria usá-lo e por que deveria ser usado.

O estudo, estruturado em oito páginas e distribuído em capítulos, apresenta uma reflexão sobre os dispositivos biopolíticos e de biopoder do Estado, propondo que estes dispositivos recorrem ao medo, tanto para proteger a população contra ameaças, quanto para controlá-la, por meio da limitação ou supressão de direitos.

Além disso, o documento apresenta termos chaves que dão suporte à reflexão e possibilitam alcançar o seu objetivo principal; são eles:

- Paradigma bioético, que permitiria refletir sobre as implicações morais da tecnociência contemporânea, implicando numa crítica aos limites da abordagem meramente epistemológica à moralidade da ciência representada pela ciência em ação (saber-fazer-agir).

- Globalização, considerando-o como polissêmico aplicável em contextos e épocas diferentes. Deve ser entendido simultaneamente como processo inclusivo e excludente, e utilizado a depender do contexto da análise, como o objeto de reflexão deste artigo sobre o risco na contemporaneidade.

- Risco, perigo e dano, o "risco" é uma condição existencial humana, que instaura um estado de urgência ilimitado e universal; o uso repetitivo do termo conduz à ideia de "perigo" e, por

consequência, aproxima-se semanticamente com a palavra "dano", tornando-os indistinguíveis e assim importantes no contexto conceitual do ponto de vista moral e político.

- Paradigma biotecnocientífico, neologismo construído pelo autor para indicar uma nova forma de saber-fazer (que abarca sistemas complexos como os seres vivos, inclusive indivíduos e populações de humanos, referindo-se a sua estrutura biológica) envolvendo seres vivos (humanos ou não) como objetos de pesquisa, e utilizando as ferramentas da tecnociência para transformá-los. Possui três aspectos indissociáveis: o logotérico (que se preocupa com o avanço dos conhecimentos); o poiético, técnico e prático (episteme - se ocupam das aplicações dos conhecimentos científicos); e o aspecto que se distingue tanto da episteme clássica como da tecnociência moderna.

- Biotecnociência, um tipo de saber-fazer aplicado aos seres vivos, cada vez mais visível nas sociedades atuais. Este saber-fazer biotecnocientífico e seus produtos não são objeto de consenso na percepção pública, dividindo-se em: tecnofílicos, aqueles que entendem a técnica como algo imprescindível para a vida humana; tecnofóbicos, aqueles que veem a técnica representada como risco para a vida humana e o meio ambiente, inclusive nas relações de domínio dos homens de uns para com os outros; e aqueles que são representados por quem tenta ponderar os prós e os contras no uso das biotecnologias.

Estes termos podem ser adeptos: ao princípio da precaução, que possui um componente moral e outro pragmático; ao princípio da responsabilidade, preocupando-se com o futuro da espécie humana e com os impactos que as ações humanas podem causar nos processos naturais; ou ainda à ética procedimental que tenta evitar objeções às posições anteriores e considera que a biotecnociência pode ser, sob determinadas condições, benéfica para os humanos desde que as escolhas sejam debatidas livre e publicamente, chegando-se a acordos razoáveis.

A ética procedimental, segundo o autor, é bastante criticada porque parece recusar a priori as potencialidades emancipatórias da biotecnociência e a possibilidade que ela teria de enriquecer

a própria natureza humana. Enfim, que a tecnocientofobia associada ao conservadorismo naturalista tornou-se um obstáculo à responsabilização e incriminação dos verdadeiros responsáveis que são hierarquias políticas, econômicas e financeiras.

Como supracitado, o objetivo central do artigo é a biotecnociência como fonte de risco ou de salvação na era globalizada. De outro modo, o artigo procura mostrar que, em termos de aplicabilidade, as percepções do risco no campo da tecnociência dependem da finalidade pragmática da atividade científica, e dos seus aspectos operacionais e experimentais.

Considerações finais

O artigo apresenta um problema complexo, objeto de controvérsias, visto que há pressupostos favoráveis e contrários ao uso das biotecnociências. A celeuma apresentada talvez esteja em torno da aplicabilidade destas novas ferramentas, inevitáveis –ou seja, vão ocorrer independentemente da posição que cada pessoa adotar, o que não significa que a sua aplicação não deva ser discutida em um foro moral pluralístico-, que deve ser feita de forma consciente e ponderada, proporcionado assim, uma melhor qualidade de vida, tornando-se uma solução ética e, portanto, bioética.

Por fim, a análise bioética da moralidade das biotecnociências demonstra que as querelas apresentadas no estudo possuem fundamento, visto que há especialistas que defendem uma concepção benéfica das biotecnociências, e outros que a percebem como meio perigoso e ariscado aos seres vivos, podendo ocasionar danos, talvez irreversíveis, tanto atuais quanto futuros.

Edinalda de Araújo Matias

Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil
edinalda@gmail.com